

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO  
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL

## **SEQÜÊNCIA DIDÁTICA**

Área: Língua Portuguesa

NOME DO PROFESSOR PDE: IRACEMA DE LUCI VAGETTI GALBIATI

NOME DO ORIENTADOR: Profa. Ms. Eliana Alves Greco

NOME DO CO-ORIENTADOR: Maria de Fátima Pereira de Sena

Alto Paraná

2007/2008

## **SEQÜÊNCIA DIDÁTICA**

### **IDENTIFICAÇÃO**

1.1 Professora PDE: Iracema de Luci Vagetti Galbiati

1.2 Professora Orientadora IES: Eliana Alves Greco

1.3 Professora Co-orientadora: Maria de Fátima Pereira de Sena

1.4 Área: Língua Portuguesa

1.5 Escola Estadual Santa Maria – Ensino Fundamental

1.6 Série participante: 7ª série do Ensino Fundamental.

1.7 Período de realização: 01(um) Bimestre

## I – INTRODUÇÃO

A leitura sempre foi motivo de preocupação constante dos profissionais que atuam na educação. Geralmente, quem não lê (ou lê mal) também escreve com dificuldade e apreende o mundo de maneira menos expressiva. O ideal seria que todo ambiente ao redor do educando o incentivasse à leitura, não tendo assim, apenas a escola como único local de acesso aos livros. Se infelizmente, isso não ocorre, é preciso que o hábito da leitura seja desenvolvido de maneira adequado e prazeroso, útil e enriquecedor, ao universo escolar e á realidade social do aluno.

Para tanto esta proposta de estudo da língua tem por finalidade desenvolver o gênero textual “crônica”.

Para Bezerra (2002), o trabalho com gêneros textuais na sala de aula favorece a aprendizagem da oralidade, leitura e escrita de textos diversos, com funções específicas, visto que a orientação do professor não será mais a de considerar apenas o aspecto formal do texto escrito, mas o de proporcionar o uso efetivo de texto por parte dos alunos, abrindo-lhes oportunidades de se desenvolverem como cidadãos de uma sociedade letrada. Assim, a leitura e a escrita não serão apenas práticas escolarizadas.

O gênero crônica é importante para os alunos, pois por meio dele, poderão conhecer diferentes textos, reconhecer ensinamentos e, a partir da observação de fatos do cotidiano, passam a refletir sobre as virtudes humanas.

Segundo Moisés (1979), a palavra crônica vem do grego “choronikos” (relativo ao tempo), do latim Crhonica que designa uma lista ou relação de acontecimentos ordenados cronologicamente. Atualmente, a crônica é um dos gêneros mais ricos da literatura brasileira, atingindo um grau de excelência a ponto de transformar-se na principal porta de entrada da literatura para boa parte do público leitor.

De acordo com Melo (1985), no Brasil, a crônica é o relato poético do real, situada na fronteira entre a informação da atualidade e a narração literária, portanto, situa-se entre o jornalismo e a literatura, retratando a vida, está diante de experiências comuns. Despretensiosa, humanizadora, nos ajuda a estabelecer ou restabelecer a dimensão dos acontecimentos e das pessoas, quase sempre com humor. Ela representa o encontro mais puro com a vida real e com seu cúmplice favorito – o leitor. Todavia, apesar de seu ar despreocupado, de quem está falando

coisas, sem preocupar-se com a consequência, esse gênero penetra fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, aprofundando a crítica social.

Aprende-se muito quando se diverte e os traços simples, graciosos e breves da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo vários atos e sentimentos, que divertindo atrai e faz refletir, amadurecendo nossa visão de mundo. Por meio de um zig-zag de aparente conversa fiada, a crônica pode dizer as proposições mais sérias, como as descrições da vida, o relato caprichoso dos fatos, o desenho de certos tipos humanos, o registro de algo inesperado.

Apesar de sua pressa característica, a crônica é uma somatória de pesquisa, seleção e inspiração e deve escolher um fato capaz de reunir em si mesmo o disperso conteúdo humano, pois só assim, ela pode cumprir o seguinte princípio: informar, ensinar, comover, deleitar.

Para Sá (1985), por vezes, a crônica transfere-se de seu ambiente natural, o jornal, para o ambiente do livro. Então, ela é reelaborada, como passar a vida a limpo, permitindo que se descubra as características de cada cronista. Dessa forma, as possibilidades de leitura crítica se ampliam, o texto atua com maior liberdade, sobre o leitor, uma vez despido de certas referencialidades e a partir da releitura, ampliando sua visão humana do homem na sua vida diária.

Segundo Moisés (1979), quando o autor narra sua crônica, tudo o que diz parece ter acontecido de fato, como se os leitores estivessem lendo uma reportagem, os fatos acontecem como se fossem por acaso. Mas, na verdade, o autor sabe que nada é por acaso na construção do texto, pois o cronista tem de explorar as potencialidades da língua, buscando construções de frases com várias significações, descortinando aos leitores uma paisagem até então esmaecida ou ignorada. Sua linguagem adquire logicidade e um ritmo próprio, repensando constantemente pelas vias de emoção aliadas à razão. É fundamental que o cronista se defina em seu tempo e espaço, compondo uma cronologia, não limitadora, mas sim esclarecedora de sua relação com o mundo.

A crônica é um pequeno oásis de prazer para quem a escreve e para quem a lê. É o grito de liberdade de um escrevente rebelde que insiste em temperar os fatos diários, insiste em ver o que a maioria não conseguiu assistir, por fim, insiste em revelar emoções para outros tantos que querem saber daquilo que na sua correria deixaram de perceber. (DIAFÉRIA, 1981).

Segundo Coutinho (1971), o perfil nacional da crônica firmou-se a partir de 1930, com nomes como o de Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga, que de certo modo, seria o cronista exclusivo desse gênero. O apogeu do novo gênero, ou seja, o momento em que a crônica perde os vestígios de seus antecessores europeus, transformando-se na expressão rematada da forma brasileira de sentir e de se situar no mundo, se dá a partir nos anos de 1950 e de 1960 com cronistas como Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, Nelson Rodrigues, Fernando Sabino. Esses autores reforçam a idéia de que a crônica, longe de ser um subproduto da ficção ou do ensaio, é um campo textual próprio, que oferece possibilidades expressivas que nenhum outro gênero proporciona.

Não há dois cronistas iguais, nem duas crônicas idênticas, pois a mudança eterna do cotidiano determina a maleabilidade do texto e assim a crônica capta a variação emocional do autor.

Neste trabalho, será desenvolvida uma seqüência didática composta por módulos. Desta forma, os educandos da sétima série terão a oportunidade de desenvolver procedimentos de leitura e escrita, utilizando a crônica, pois por trás do humor e da simplicidade presentes nela, existe um trabalho estilístico que a torna a mais agradável e cativante porta de entrada para o mundo da leitura.

Apesar de ter que trabalhar com todos os gêneros textuais nas diferentes séries, a crônica recebe relevância maior, dentro do Currículo de Língua Portuguesa, por volta da sétima ou oitava séries. Embora não seja necessária essa divisão serial, a justificativa de optar por desenvolver o trabalho com a sétima série, encontra-se no fato de priorizar o estudo do conto e de obras literárias na série posterior; pois, os alunos estarão mais próximos de iniciar análises literárias no Ensino Médio. Dessa forma, o estudo da crônica ocorrerá num contexto significativo, o que possibilitará que os alunos desenvolvam a leitura desse gênero. Espera-se ainda, que possam identificar as características composicionais dos gêneros e reconhecê-los em outras circunstâncias.

A vontade de contribuir para o esclarecimento dos diferentes gêneros textuais, somada ao desejo de se tornar cada vez menos doloroso o processo de leitura estimulou o trabalho que tem os objetivos a seguir.

## **II – OBJETIVOS**

### **1 - Objetivo Geral**

O objetivo maior deste trabalho é desenvolver a participação efetiva dos estudantes diante dos textos lidos em sala.

O leitor tem papel fundamental no ato da leitura, uma vez que cabe a ele a função de atribuir significação ao texto e, no caso do texto literário, de concretizá-lo esteticamente, preenchendo os espaços em branco deixados pelo autor, no momento da criação literária.

### **2 - Objetivos Específicos**

- 2.1. Refletir sobre os caminhos ocorridos pela criação literária, considerando o gênero crônica em razão de suas características de função (objetivo), conteúdo, organização e estilo.
- 2.2. Provocar reflexões sobre a literatura como manifestação cultural, sobre o papel do leitor como agente do processo de leitura nas diferentes situações sociocomunicativas.
- 2.3. Viabilizar o estabelecimento de relações entre gêneros textuais diversos e a sociedade que circunda o estudante, levando em conta o contexto sócio-histórico do gênero.

## **III – MÓDULOS DIDÁTICOS**

### **1 - Modulo I**

- 1.1. Este módulo terá como objetivo analisar o conhecimento prévio dos educandos quanto à crônica e ampliar esse conhecimento, fazendo trabalho de leitura e de

escrita sobre o texto proposto. Portanto, é interessante iniciar pela discussão oral, fazendo levantamento de hipóteses, provocando um debate em sala, baseado nas seguintes questões:

- Você sabe o que é uma crônica?
- Você já leu alguma crônica? Qual?
- Quem era seu autor?
- Você conhece algum cronista brasileiro? Qual?
- Em que lugar as crônicas são veiculadas?
- Você afirmaria que crônica e contos são do mesmo gênero literário? Por quê?

1.2. Discutidas as questões e observadas as respostas, será entregue uma cópia da crônica “*A Última Crônica*”, de Fernando Sabino, em que se iniciará o processo de caracterização do gênero a ser estudado e a importância da leitura de todos os gêneros que a língua é capaz de produzir.

1.3 Antes da leitura da crônica, o professor deverá ativar os conhecimentos prévios dos alunos como estímulo para a leitura, propondo a discussão dessas questões:

- Em nossa sociedade, há pessoas que comemoram seus aniversários de forma pomposa, saem nos jornais, providenciam roupas caras, festas majestosas. Outras, entretanto, nem lembram da data que nasceram. E você, comemora o seu aniversário? De que forma?
- Seus pais sempre se lembram de seu aniversário? Já aconteceu deles se esquecerem?
- Se você fizer uma festa, quem não poderia faltar?
- O que você escolheria em seu aniversário? Uma festa ou um presente? Por quê?
- O que você mais gosta em uma festa de aniversário?
- Vocês já comemoraram um aniversário de forma estranha? Diferente do tradicional bolo com velinhas?

## A ÚLTIMA CRÔNICA

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do accidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu queria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho - um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe



remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: "Parabéns pra você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura - ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido - vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu queria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso."

*Texto de Fernando Sabino, extraído do livro "A Companheira de Viagem", Editora do Autor - Rio de Janeiro, 1965, pág. 174.*

1.4. A leitura da crônica dar-se-á primeiramente de forma individual e silenciosa. Depois, os alunos trabalharão em grupo, fazendo a leitura oral da mesma. O professor deve observar a fluência, ritmo e uso da pontuação (final, interrogação e exclamação).

1.5. Entregar aos alunos questões escritas referentes à relação autor/leitor/texto.

a) Compreensão e interpretação do texto

- Quem é o autor desta crônica? Você já ouviu falar sobre ele? (Explicar oralmente quem é Fernando Sabino e sua obra literária)
- Qual o objetivo desta crônica?
- Esta crônica chama a atenção do leitor?
- A crônica é interessante? Por quê?

- Existe alguma relação entre a situação vivida pela família da crônica e a de nossos dias?
- Você seria capaz de buscar, num fato do seu dia-a-dia, momentos de fraternidade e sensibilidade e nele descobrir suas belezas?
- O título do texto sugere algumas interpretações. Converse com seus amigos sobre as sugestões possíveis de um novo título.
- Neste texto há idéia de discriminação? (É do autor? Do contexto? Discriminação de raça? De situação financeira?) Podemos dizer, realmente, que há discriminação?
- O acontecimento da crônica ocorreu num cenário e envolveu pessoas? Em que cenário? Como você descreveria o botequim?
- Quais são as personagens envolvidas no episódio narrado? Comente sobre elas.
- O narrador-observador não está presente na festa de aniversário, mas é a personagem central dela, por quê?
- Que hipóteses poderíamos formular para o fato de a mãe ter guardado as velinhas?
- *“Não sou poeta e estou sem assunto”*. Neste trecho da crônica, o autor afirma que não é poeta. Você concorda com essa afirmação?
- Há nas duas últimas orações do 2º parágrafo uma crítica a instituição família? Você concorda? Explique.
- *“Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual”*. A que ritual o autor se refere?
- O autor diz que o pai demonstra estar satisfeito com a celebração. E você, o que acha?
- Em sua opinião o constrangimento do pai, ao perceber que estava sendo notado, é normal?
- Apesar da dificuldade financeira, podemos destacar sentimentos nobres na relação daquela família. Cite alguns.
- É possível reconhecer na crônica em que época esse fato aconteceu?
- Esta crônica é mais literária ou jornalística? Por quê?

## b) Análise lingüística

- Há marcas de temporalidade na crônica? Como se manifestam? Causam algum efeito?
- Qual o tempo verbal revelado na crônica? Por quê?
- Os termos *accidental* e *essencial* conferem que sentido no texto?
- A linguagem usada na crônica possui um lirismo contido na simplicidade ou é rebuscada?
- No segundo parágrafo, ao descrever a menina, o autor utiliza de adjetivos no diminutivo. Que motivo o leva a fazer essa escolha lexical?

## c) Estrutura Composicional do Gênero Crônica

- Defina crônica, a partir da leitura do primeiro parágrafo do texto de Fernando Sabino.
- Os acontecimentos estão organizados em quantos parágrafos?
- O texto lido apresenta a seguinte estrutura: a) situação inicial; b) início do conflito; c) clímax do conflito; d) resolução do conflito; e) volta à situação inicial. Relacione essa estrutura de acordo com os parágrafos do texto.
- Existe uma ordem na exposição dos fatos? O que é mostrado primeiro?
- Como o discurso é manifestado? Em primeira ou terceira pessoa?

## 2 - Módulo II

2.1. Neste módulo, considerando que o tema da próxima crônica a ser trabalhada com os alunos será *Fotos*, o professor deverá pedir numa aula anterior para que tragam fotos antigas e atuais de sua família ou deles mesmos, de forma que circulem na sala de aula, uma vez que é sabido o fascínio que tal tema exerce sobre os adolescentes.

2.2. Enquanto os alunos vêem as fotos, o professor deve conversar com eles sobre o tema para acionar seus conhecimentos prévios com algumas questões orais:

- Qual é o conceito que você tem de beleza?
- Você tira muitas fotos? Gosta de tirá-las? Você considera suas fotos boas?
- Quem em sua casa, fica melhor nas fotos? E de seus amigos?
- O que acha das fotos antigas de sua família?

2.3. Entregar aos alunos o texto “ *Tire fotos, muitas fotos !* ”, de Deusa Urbana, e solicitar primeiro a leitura silenciosa e depois a oral, observando a fluência, ritmo e o uso da pontuação (final, interrogação e exclamação).

### **TIRE FOTOS, MUITAS FOTOS!**

Não gostar do que se vê nas fotos... Humm! Isso dá muito que pensar. Eu não gostava do que via nas minhas. Achava-me feia. Um dia percebi que eu mesma não fazia meu próprio tipo. Nada mal, já que não teria que casar comigo, nem olhar para mim mesma o tempo todo. Isso é bom! Nada pior do que quem se olha "full time". Olhando tantas belezas alheias, percebi que muito do que eu achava belo não era apreciado por outras pessoas, então, eu não gostar da minha cara e da minha boca de palhaço triste não era um julgamento definitivo e correto em relação à minha beleza.

Vi que tinha gente que me admirava, independentemente do que eu achava ou não, e seria eu bela sim, por uma questão de opinião! Mas, se a gente se treina a vida inteira para não se importar com que os outros dizem, isso complica muito as coisas... Bom motivo para eu aprender a respeitar a opinião alheia.

Sócrates estava muito certo: entender é fazer perguntas e buscar respondê-las. Nada mais horrível do que pessoas sem opinião, mesmo que erradas. Filosofar é tentar achar razão em cada coisa e dizer com propriedade porque nada é totalmente incorreto. Ninguém é de todo errado. É preciso buscar caminhos, pelo menos os nossos. O meu não foi o da estética, mas o de lustrar meus valores até que eles chegassem aos olhos e esses assumissem expressão visível. Foi este o

meu modo de acreditar naqueles que diziam que eu era bela. Uma plástica quase que espiritual, quântica, metafísica muito útil ao meu processo doentio de timidez.

Como tímida, eu tive que deixar de achar que os "aparecidos" estressam, só por que minha timidez não me permitia aparecer. Ser tímido é amar a música, querer se jogar na pista, fazer altas performances na nossa imaginação enquanto que o corpo só bate o pezinho...

Larga esse conceito para lá que você vai ver que tem muitas coisas que os belos têm. Então por que você não é bela também?

Não é você que tem que se ver nas fotos. Elas são para quem admira você! Num tempo mais antigo serviria para os inimigos dá-las de comer aos sapos, mas em tempos de efeito estufa os sapos são raros e acredito que inimigos para você também! Um ou outro invejoso qualquer que, sem motivo e por pura dor de cotovelo te manda um ar de desdém e só.

Tire fotos, muitas fotos! Primeiro, porque a gente acaba se acostumando. Segundo: porque a gente acaba gostando. Terceiro, porque depois que o tempo passa é muito bom vê-lo aprisionado numa imagem colorida. É como ter a felicidade numa caixinha. Quarto: a velhice deixa a gente enxergando mal à "pacas" e quando as rugas se tornam densas e o corpo cansado percebemos como era bom o tempo passado. Esse foi o papo do dia. To esperando o próximo chope.

*Texto de "Deusa Urbana", publicado no site [www.recantodasletras.net](http://www.recantodasletras.net) em 15/11/2007  
Código do texto: T738444*

2.4 Depois da leitura da crônica, os alunos trabalharão em grupo ou de forma individual questões escritas referentes à relação autor/leitor/espço de circulação/texto.

a) Compreensão e interpretação do texto

- Essa crônica é diferente da que analisamos em outras aulas. No que ela se difere da crônica de F. Sabino?

- Na “última crônica”, o narrador é personagem observador. Que tipo de narrador temos neste texto?
- Sobre o título: “*Tire fotos, muitas fotos!*”, você o considera coerente com a proposta da autora? Seria possível dar-lhe um novo título? Sugira, pelo menos dois.
- Que relação o assunto da crônica tem com a sua postura filosófica de mundo?
- O que você achou do texto?
- “(...) *apreender a respeitar a opinião alheia*” Explique essa afirmativa, contextualizando-a em nosso dia – a dia.
- No 1º parágrafo, há uma mistura de humor com filosofia, identifique-a e comente sobre ela.
- Pesquise, com o professor de inglês, o significado de “*full time*”. Que outras palavras, em português, poderiam substituí-la, sem prejudicar o seu nível lexical?
- “Olhando tantas belezas alheias, percebi que muito do que eu achava belo não era apreciado por outras pessoas” O que a autora quis dizer com essa proposição?
- Há para você uma beleza geral e uma individual? Exemplifique.
- O conceito de pessoas bonitas da nossa sociedade é diferente de outras culturas?
- Você considera o conceito de certo e errado subjetivo? Em que circunstâncias?
- A Afirmativa “*Nada é totalmente incorreto*” pode ser aplicada em qualquer situação? (discutir um caso verídico de assassinato e um de corrupção).
- O que a autora quis dizer com: “o meu não foi o da estética, mas o de lustrar meus valores até que eles chegassem aos olhos e esses assumissem expressão visível”.
- No 4º parágrafo há uma definição de timidez. Qual é a sua definição para essa característica?
- A autora enumera quatro motivos para se tirar fotos. Quais outros motivos você enumeraria?

## b) Análise Lingüística

- A função apelativa (ou conativa) centraliza-se no receptor. O emissor, por sua vez, procura influenciá-lo através da persuasão. Como o emissor se dirige ao receptor, é comum o uso de *tu* e *você*, além da presença constante de vocativos e imperativos. É usada nas propagandas que se dirigem diretamente ao consumidor. A presença dessa função de linguagem está evidente nessa crônica? Explique.
- Observe o tempo verbal utilizado no último parágrafo. O que ele indica?
- Há marcas de oralidade nessa crônica?
- No último parágrafo, há o uso da variação lingüística quanto à gíria. Encontre-a.
- Segundo a definição do dicionário, *neologismo* é o emprego de uma palavra nova ou de novas acepções. Encontre um neologismo presente no texto e dê o seu significado.

c) Pesquisa extraclasse: considerando que a escola não disponibiliza de internet para os alunos, o professor solicitará uma pesquisa extraclasse composta de duas questões, a fim de que sejam resolvidas por eles dentro do prazo de uma semana, reforçando assim o conteúdo trabalhado.

- Deusa Urbana é um codinome utilizado por uma cronista contemporânea. Vamos pesquisar, na Internet, sobre sua obra literária.
- Recanto das letras é um espaço cultural em que escritores amadores ou não disponibilizam seus trabalhos. Para assegurar o direito de todos que escrevem em participar do mundo letrado, vamos entrar no site e conferir alguns trabalhos recentes, ou seja, publicados durante este mês.

## 2.5 Estrutura composicional da crônica:

- Compare as duas crônicas lidas e analise a sua estrutura quanto à linguagem.
- Esta crônica tem a mesma estrutura composicional (situação inicial, conflito, clímax, resolução do conflito e volta à situação inicial) da crônica de Fernando Sabino?
- É possível determinar com clareza o espaço e o tempo em que se passa a história? Justifique sua resposta.
- A narrativa é mais horizontal (seqüente, só acontecimentos exteriores) ou mais vertical (psicológica, mais acontecimentos interiores)?
- Por que o texto “*Tire fotos, muitas fotos!*”, de Deusa Urbana, se enquadra no gênero crônica?
- Onde circula geralmente os textos enquadrados no gênero “Crônica”?

### 3 – MÓDULO III

#### PRODUÇÃO ESCRITA DO GÊNERO

- A produção será feita individualmente.
- Pondo em prática os conteúdos estudados, o aluno deverá relatar, de forma breve, um acontecimento simples da vida diária, observando as características estudadas e selecionando os recursos lingüísticos adequados à situação comunicativa. Os alunos deverão escolher a melhor crônica de seus respectivos grupos para ser lida oralmente na sala. Duas delas serão eleitas pelo grupo como as melhores e irão para a publicação num jornal da região. Os demais textos serão expostos no mural da escola.
- Para tanto, deve-se planejar a escrita do texto, considerando sua finalidade – buscar nos acontecimentos diários a temática, envolver-se neles e descobrir suas belezas – e o leitor que quer atingir (professores, alunos e comunidade).
- Correção e revisão das crônicas.
- Produção da versão final das crônicas.



- Publicação.

#### **IV - FORMA DE AVALIAÇÃO DOS ALUNOS**

Os alunos serão avaliados desde o início do projeto: leitura, produção e divulgação do trabalho. O professor deverá freqüentemente observar o interesse, a participação e principalmente o envolvimento dos alunos durante todo o processo de leitura e produção.

#### **V – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRANDÃO, Helena H. N. **Análise do discurso**: um itinerário histórico circulação interna.

\_\_\_\_\_. **Gêneros do discurso e tipos textuais**. In: Projeto de capacitação docente – módulo II. Pró-reitoria de graduação – USP, 2003.

COUTINHO, Afrânio. **Ensaio e crônica**. In: **A literatura no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1971

DIAFÉRIA, Lourenço. **Depoimento – Escritor brasileiro/81**. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1981

DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R. ; BEZERRA, M. A. (orgs). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2002.

GERALDI, João Wanderley (org). **O texto na sala de aula**: leitura & produção. Cascavel: Assoeste, 1985.

IGUAÇU, Dionízio (orgs). **Literatura crônica**: São Paulo: Andross, 2006.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 10. ed. Campinas: Pontes, 2004.

LOPES-ROSSI, M. A. G. (org). **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. Taubaté: Cabral, 2002.

\_\_\_\_\_. Projetos pedagógicos para produção escrita nas aulas de língua portuguesa. In: Silva, E. R. da; Lopes Rossi, M. A. G. (orgs). **Caminhos para a construção da competência docente**. Taubaté: Cabral editora e livraria Universitária, 2003.

MARTIN, Robert. **Para entender a lingüística**. São Paulo: Parábola, 2003. Trad. de Marcos Bagno.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

MELO, José Marques. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985

MENEGASSI, Renilson José. **Compreensão e interpretação no processo de leitura**: noções básicas ao professor. Revista Unimar, Maringá: 17 (1): 85-94, 1995.

PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para Educação Básica**. Curitiba, 2006.

PINTO, Manoel da Costa (org). **Antologia de Crônicas**: crônica brasileira, contemporânea. São Paulo: Moderna, 2005.

ROJO, R. (org). **A prática da linguagem em sala de aula**: praticando os PCNs. São Paulo: Educ; Campinas: Mercado de Letras, 2000.

ROJO, R; CORDEIRO, GLAIS SALES. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo: Ática, 1985

SABINO, Fernando. **A companheira de viagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.